

Eleições

Presidenciáveis caem do trampolim

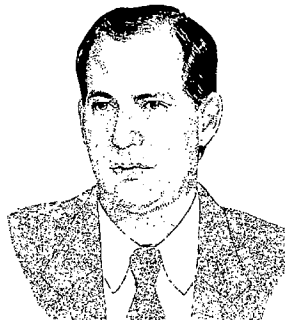
Ricardo Lessa
de São Paulo

Se algum político pensou em fazer da disputa municipal deste ano trampolim para uma futura candidatura ao Planalto, em 2002, com certeza escorregou na prancha. Em Fortaleza, São Paulo ou Rio de Janeiro, os prováveis componentes da próxima corrida presidencial foram agraciados com fragorosas derrotas.

A exceção fica por conta do três vezes candidato petista, Luís Inácio Lula da Silva, que sairá fortalecido com o crescimento de seu partido em todo o País e na capital paulista e do presidente do Congresso, Antonio Carlos Magalhães, que elegeu em primeiro turno seu candidato em Salvador e manteve suas posições no interior baiano. ACM poderá degustar como um petisco adicional, a derrota de seu principal rival no Senado, Jader Barbalho, que não deverá eleger seu candidato, Augusto Rezende, em Belém.

O maior escorregão desta campanha foi registrado, porém, em Fortaleza, onde dois presidenciáveis, Ciro Gomes, do PPS e Tasso Jereissati, do PSDB, se envolveram diretamente na campanha de Patrícia Gomes, do PPS, ex-mulher de Ciro. Cotada como favorita nas pesquisas de preferência de voto, ela foi ultrapassada na reta final até pelo gaúcho Moroni Torgan, que se apresentou pelo PFL e ficou com a terceira colocação.

A disputa no segundo turno será entre o prefeito peemedebista Juraci Magalhães e Inácio Arruda, do PC do B, que lidera a coalizão de esquerda; com PT, PSB, PDT e PCB. Embora aba-



Ciro Gomes

tido e 12 quilos mais magro, Ciro já declarou que a derrota em Fortaleza não o fará desanimar. "Eu ou o Tasso estaremos na campanha de 2002", adiantou.

A disputa pela prefeitura de São Paulo mobilizou três nomes que os brasileiros costumaram ver nas campanhas presidenciais: Fernando Collor, Paulo Maluf e Enéas, todos interessados em administrar um dos maiores orçamentos do País.

O ex-presidente Fernando Collor lutou com a Justiça Eleitoral para fazer sua "reentrêe" na política no maior co-

légio eleitoral do Brasil, que lhe deu 2,9 milhões de votos no segundo turno das eleições de 1989, não conseguiu passar do 1% das preferências no mesmo colégio eleitoral. Sua principal contribuição à campanha deste ano foi tumultuar um debate televisado dos candidatos ao executivo paulistano. E na reta final teve a candidatura cassada no TSE.

O candidato do Prona, Enéas Carneiro, não pode mais se queixar, depois de três candidaturas presidenciais, de que a população desconhece sua cantilina nacionalista e estatista. Recebeu da população paulistana cerca de 3,5% dos votos, pouco mais que nas eleições para presidente de 1998, quando ficou com 2,57%.

O outro presidenciável na corrida pela prefeitura paulistana, Paulo Maluf, mostra que ainda tem fôlego na capital, brigando



Luís Inácio Lula da Silva

com o candidato do PSDB, Geraldo Alckmin, por um lugar no segundo turno, mas carrega uma crescente rejeição, que já passa dos 50% dos eleitores, segundo pesquisas de intenção de voto. A alta rejeição foi alimentada pela má administração de seu ex-protetido Celso Pitta.

Outro presidenciável que se lançou na disputa municipal, foi o ex-governador e presidente de honra do PDT, Leonel Brizola. Ele só confirmou a perda de prestígio de seu partido na cidade, que já teve 49,9% dos votos em 1989, quando Brizola se lançou para a presidência. Mesmo antes da apuração oficial, ele já admitia a derrota com cerca de 9% dos votos, pouco abaixo da média que conseguiu em 1994 na capital, quando se candidatou pela segunda vez à Presidência: 9,79%.

Nem os presidenciáveis derrotados nas disputas municipais devem esmorecer, nem os vencedores, como Lula e Antonio Carlos Magalhães, devem achar que têm grandes vantagens no pleito de 2002. O retrospecto das votações nas principais capitais do País, mostram que o eleitorado vota de modo completamente diverso, nas eleições municipais e nas presidenciais. A Salvador que elegeu o PFL de Imbassahy em 1996 preferiu o PT de Lula a Fernando Henrique, para presidente. A Belo Horizonte que escolheu o socialista Célio de Castro em 1996, votou em Fernando Henrique dois anos depois. Da mesma forma, a São Paulo de Erundina derrotou Lula em 1989 e o Rio de Cesar Maia descarregou os votos em Lula em 1994.